

INFÂNCIA E CRIANÇAS EM TELA: SUBJETIVIDADES EM DISPUTA

Childhood and Children on Screen: Subjectivities in Dispute

Danieli Bachtchen¹

Leandra Souza Machado²

Aliandra Cristina Mesomo Lira³

Lucicleia Krik Atamanczuk⁴

Resumo: O objetivo deste ensaio é reconhecer as diferentes imagens construídas sobre e para as crianças no âmbito das produções audiovisuais. O texto é conduzido a partir da literatura que aborda o referido tema, a análise e exemplificação de obras a respeito, sejam feitura do cinema ou das mídias sociais, como vídeos presentes no *YouTube* e desenhos infantis. Observa-se uma visão adultocêntrica da infância nas telas, que a projeta sob o seu ponto de vista e pretensões, seja pelo anseio de promover a problematização de assuntos que necessitam ganhar ênfase na legitimação dos seus direitos e espaços no âmbito social, ou pela emergência de apresentar personagens na perspectiva do incentivo ao consumismo, condição que dissemina modos ideais de viver a infância na sociedade de hoje. Tais apontamentos nos levam a considerar que as crianças foram e são alvo de múltiplas projeções nas telas, assumindo diferentes papéis e perspectivas, em uma complexa rede de sentidos e significados. A promoção de momentos de debates e reflexão com os infantes torna-se o caminho para uma formação humana e emancipatória.

Palavras-chave: Infância. Produções Audiovisuais. Crianças.

Abstract: The objective of this essay is to recognize the different images built on and for children within the scope of audiovisual productions. The text is conducted from the literature that addresses the aforementioned theme, the analysis and exemplification of works on the subject, whether filmmaking or social media, such as videos on YouTube and children's

¹ Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Centro-Oeste/UNICENTRO. Pedagoga na rede municipal de Mallet/PR, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9184-4414>. E-mail: danielibachtchen@gmail.com.

² Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Centro-Oeste/UNICENTRO. Professora na rede municipal de Guarapuava/PR, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2327-0797>. E-mail: liasouza0808@gmail.com.

³ Pós-doutorado em Educação na Universidade Estadual de Maringá (UEM). Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Associada do Departamento de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Centro-Oeste/UNICENTRO, Guarapuava/PR, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2945-464X>. E-mail: aliandralira@gmail.com.

⁴ Mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Centro-Oeste/UNICENTRO, Especialista em Libras, Educação Especial, Formação de Docentes e Gestão de Pessoas. Professora de Sala de Recursos Multifuncionais na rede municipal de Prudentópolis/PR, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6785-5498>. E-mail: lucicleiakrik@yahoo.com.br.

drawings. An adult-centered view of childhood is observed on the screens, which projects it from their point of view and aspirations, whether due to the desire to promote the problematization of issues that need to gain emphasis in the legitimation of their rights and spaces in the social sphere, or for the emergence of to present characters from the perspective of encouraging consumerism, a condition that disseminates ideal ways of living childhood in today's society. Such notes lead us to consider that children were and are the target of multiple projections on screens, assuming different roles and perspectives, in a complex network of senses and meanings. The promotion of moments of debate and reflection with the infants becomes the way to a human and emancipatory formation.

Keywords: Childhood. Audiovisual Productions. Children.

1 Introdução

A visibilidade das crianças e da categoria infância na sociedade acompanha um movimento iniciado na modernidade que conferiu um lugar de importância na sociedade para os sujeitos infantis e suas vidas. Partindo desse apontamento, salientamos que a reflexão teórica proposta busca reconhecer as diferentes representações das crianças nas produções audiovisuais e, para tal, toma como referência os trabalhos de Silva e Finco (2015), Walter (2015), Dornelles (2005), Marcello (2010), Santos e Grossi (2007), Leite (2012), Andrade e Costa (2021), Giroux (2001), Mattara (2009), Xavier (2008), Silva (2007), Bauman (2008), Costa (2009), Duarte, Leite e Migliora (2006), dentre outros autores. A análise empreendida menciona obras do cinema, vídeos da plataforma digital *YouTube* e desenhos animados que permitem compreender as múltiplas imagens de criança e infância projetadas nas telas.

Discorrer sobre questões referentes à infância e às produções audiovisuais nos leva a considerar que, historicamente, as projeções nas telas emergem como “[...] um dos fundamentais instrumentos de sociabilização no processo de urbanização da sociedade, após revolução industrial, em meados do século XIX” (SILVA; FINCO, 2015, p. 939). Os materiais audiovisuais passaram a ganhar evidência na vida das pessoas, inicialmente em noites festivas e momentos esporádicos, que aos poucos se difundiram no âmbito social.

Nessa perspectiva, Walter (2015, p. 187) nos faz refletir que “Desde seu nascimento no final do século XIX, o cinema atraiu olhares esperançosos e desconfiados de seu poder de educação, persuasão e domínio das massas”. Já com as primeiras projeções, o foco sobre o potencial formativo das produções audiovisuais ganha evidência e, analisadas a partir de uma perspectiva crítica, reconhece-se como comprometidas em formar sujeitos disciplinados e enquadrados aos padrões sociais conforme os ideais projetados pela nação.

Tendo em vista que a infância, no decorrer dos séculos, passou a ser vista e considerada como parte importante da sociedade, houve também a necessidade de direcionar ações voltadas especificamente para esse público. Nesse contexto, Dornelles (2005, p. 13, grifo da autora) destaca que “[...] a emergência da infância vai se produzindo [...], em cada momento histórico, fixando-se em cada ritual, impondo obrigações e direitos, estabelecendo marcas nas coisas e nos corpos”. A infância, portanto, também é objeto de dominação, sob o propósito de formar sujeitos ajustados às necessidades sociais, desse modo “[...] não representa, não traz a criança de um exterior para seu interior: ele, antes, a produz” (MARCELLO, 2010, p. 350), sobretudo a partir de uma visão adultocêntrica, que a projeta sob o seu ponto de vista e suas pretensões.



Tal fato fez com que “[...] professores e educadores brasileiros, certos da influência que os filmes exerciam sobre o comportamento, começaram a indicar o cinema para auxiliar na educação, na higienização, na divulgação dos valores nacionais” (WALTER, 2015, p. 187). Em sua linguagem convincente e idealizada, as produções passaram a se configurar como um recurso para moldar o contexto de vida das pessoas, tornando-as alvo dos modos universais e aceitáveis de ser e de viver, desde a infância.

Assim, “[...] a possibilidade de aprender com as imagens do cinema foi desde muito cedo explorada. O cinema inaugurou um novo gênero de memória, uma outra forma de linguagem, uma outra relação com a técnica, com o ensino, outro modo de contar e escrever a História” (WALTER, 2015, p. 196). Conquistando espaço no âmbito social como um todo, passa a fazer parte do cotidiano das pessoas com cada vez mais intensidade, destarte “[...] o cinema e sua linguagem depois intensificada e potencializada pela linguagem televisiva revolucionou o aparelho perceptivo das pessoas, reconfigurando a nossa percepção do mundo” (SILVA; FINCO, 2015, p. 940).

Cabe considerar que as crianças foram e são alvo de múltiplas projeções nas telas e, mais recentemente, de vídeos e desenhos animados compartilhados largamente pelas mídias digitais. Alicerçadas por uma ideologia, as produções audiovisuais invadem e afetam sobremaneira os pequenos, seja por meio das telas da televisão, seja pelo celular ou *notebook*. Tal fato nos inquieta e nos leva a refletir sobre como as crianças se relacionam com as mais diversas informações que chegam até elas. Duarte, Leite e Migliora (2006) atentam para o fato de que as produções audiovisuais produzem significados e propiciam a construção de determinados valores. Nesse sentido, refinar e direcionar um olhar crítico para elas ganha relevância, em um cenário no qual os pequenos estão imersos e são alvos do consumismo e da padronização do ser infantil.

Partindo desse enfoque, inicialmente nos atemos a explicitar discussões que dizem respeito às produções sobre as crianças, que incitam uma mudança de olhar sobre as diferentes infâncias, seus espaços e legitimação de seus lugares no âmbito social. Em seguida, discorreremos sobre os produtos para as crianças, sustentados sobretudo por uma lógica comercial, que visa o consumismo e o espelhamento em modos ideais de viver, o que nos faz perceber que, na atual sociedade, a infância é capturada pelas telas que a retrata ao mesmo tempo em que a esculpe. Por fim, reconhecemos nos desenhos infantis, tal como nos formatos anteriormente mencionados, sua atuação na construção da subjetividade infantil. Atentar para a necessidade de reflexão e atenção ao que é produzido para e sobre a infância é a saída para a formação humana e emancipatória.

2 Produções audiovisuais ‘sobre’ as crianças: um refinamento no olhar

Nessa seção, olhamos com atenção para alguns aspectos de produções audiovisuais ‘sobre’ as infâncias, as quais, por meio das cenas apresentadas, buscam expor a perspectiva das próprias crianças, trazendo à tona suas vivências diante do momento histórico, as limitações e condições impostas em seu contexto de vida. Assim, o foco é para a infância nas telas.

A linguagem explícita nessas produções proporciona “[...] uma preciosa possibilidade de desconstrução do olhar e sensibilização da escuta para compreender as infâncias [...]” (SILVA; FINCO, 2015, p. 934). Com o objetivo de mobilizar, por meio do jogo de imagens propostas, ao trazer assuntos pertinentes e que por vezes mostram-se como frágeis e tocantes, incitam em nós um refinamento do olhar para com as crianças.

Nesse âmbito, conforme nos provocam a refletir Silva e Finco (2015, p. 934), “[...] a experiência cinematográfica apresenta-se como uma possibilidade de formação estética, na busca por refinarmos nossas lentes, do nosso olhar de adulto (adultocêntrico e androcêntrico) e nossa escuta com as infâncias”. Ao experienciarmos o protagonismo infantil nas cenas de filmes e documentários que explicitam seus modos de vida, sentimentos e enfrentamentos diários, somos convidados a olhar o mundo sob outras perspectivas. Para exemplificar tais exposições, podemos elencar o documentário *Bebês* (2010), que, por meio de filmagens de cenas do cotidiano, explicita o primeiro ano de vida de quatro crianças, as quais vivem em diferentes países do mundo (Namíbia, Mongólia, Estados Unidos e Japão) mostrados a partir da diversidade cultural e os modos plurais de experienciar a infância. Assim como em *Promessas de um Novo Mundo* (2001) e *Nascidos em Bordéis* (2004), nos quais são abordados o abandono, a violência e a miséria, condições que precisam ganhar visibilidade no âmbito social e ser problematizadas.

Nesse cenário, também salientamos questões relacionadas ao sucesso e à sexualidade, como é possível notabilizar no filme *Pequena Miss Sunshine* (2006), e direitos das mulheres, diferenças de gênero e liberdade, como exposto em *O sonho de Wajda* (2012). Tais filmes chamam a atenção para o fato de que a infância como um tempo feliz, vivido integral e universalmente pelas crianças, não existe. Tomando como enfoque essas produções, Silva e Finco (2015, p. 942) salientam que:

[...] a linguagem cinematográfica que destaca o protagonismo das crianças se revela como um precioso instrumento e exercício metodológico para investigar suas infâncias, vislumbrando possibilidades de resistência contra as formas de homogeneização, normatização e codificação de uma infância abstrata e universal.

Em filmes como *Extraordinário* (2017) e *Como estrelas na terra: toda criança é especial* (2007) reconhecemos temas como *bullying*, inclusão, afirmação dos direitos, respeito, construção de vínculos e amizades, assuntos pouco tratados, que clamam por atenção e olhares apurados. Ao falar de crianças especiais, desvelam situações de sofrimento e preconceito vividos por elas.

Nesse intuito, destacamos o curta metragem disponível no *Youtube*, intitulado *A importância do respeito mútuo e da empatia*, o qual leva o espectador a compreender que as atitudes que adotamos em relação aos outros se refletem em nossa própria existência de maneira positiva ou negativa, de modo que não é possível estarmos ou vivermos sós e sem consequências de nossos atos.

Similarmente, no curta metragem *Escolhas* reconhecemos a importância de ‘colorirmos’ a vida, encarando-a com olhos de criança, sem o peso da vida adulta. Ao mesmo tempo, nos leva a refletir sobre nossas ações, uma vez que elas influenciam sobremaneira a vida e os comportamentos dos pequenos, incluindo suas percepções acerca do mundo. Nesse sentido, somos convocados a repensar nossas atitudes e a respeitar os interesses das crianças, tanto no contexto familiar quanto no contexto escolar e social, como um todo.

Essas e tantas outras produções incitam o olhar crítico partindo de reflexões e vivências experienciadas pelas crianças, pois “O modo como as imagens nos falam constrói nossa subjetividade perceptiva, temporal, rítmica e espacial do mundo” (WALTER, 2015, p. 201). Assim, ao falar das crianças e suas infâncias, as constituem. Por meio das cenas e de tantos temas e assuntos fundamentais em nosso meio, reconhecemos muitas situações já vivenciadas

ou presenciadas em nossa própria vida, ao perceber a dor, o sofrimento do outro, ou até mesmo aquilo que precisa ganhar espaço e atenção diante das fragilidades evidentes em nossa sociedade.

Os exemplos aqui trazidos nos levam a considerar que, em meio à amplitude da temática em questão, as crianças são vistas e projetadas nas telas a partir de olhares múltiplos que correspondem sobretudo ao momento histórico vivido, a pretensões e interesses distintos, por isso “[...] a infância no cinema é sempre relacional, levando-se em consideração qual a concepção de infância e de cinema que estão sendo evidenciada e, especialmente, quais relações estão sendo estabelecidas, uma vez que se parte da premissa básica que existem infâncias e cinemas” (WALTER, 2015, p. 148).

Cabe salientar que as projeções estão envoltas em um contexto que impulsiona modos específicos de pensar e organizar a realidade que não são neutras, mas são pensadas e produzidas por pessoas imbuídas da intenção de compartilhar determinados pontos de vista. As cenas exibidas ganham forma, cenário, roteiro, para torná-las mais próximas o possível do que se pretende incutir nos espectadores, fazendo com que eles se deem por convencidos, representados ou, até mesmo, comovidos e mobilizados com as situações apresentadas por meio do jogo de imagens.

Entre ficção e realidade envoltas nas cenas que realizam a releitura do mundo, a veracidade das imagens projetadas é construída a partir de um conjunto de elementos que fazem o espectador acreditar no enredo, seja por aproximar-se com as experiências e vivências, pela identificação com os personagens, encadeamento das causas e consequências, seja por imagens que se assemelham àquelas que presenciadas no cotidiano, ou pelo espanto promovido com a realidade esboçada (MARCELLO, 2010). Nesse âmbito, os espectadores assumem a veracidade das cenas a partir daquilo que tomam como realidade que, de uma forma ou outra, se aproxima do mundo em que vivem. Assim, a mensagem, a essência de cada produção audiovisual refletida em cada sujeito dependem do momento, do local, das pretensões almejadas e do ponto de vista que cada uma das imagens é interpretada.

As produções audiovisuais, além de serem artísticas, também são expressão da cultura, construída a partir de múltiplas perspectivas e intencionalidades. Nenhuma linguagem é neutra, livre de posicionamentos e pontos de vista, uma vez que essas marcas expõem os desejos de quem as planeja. Isso ocorre inclusive em produções baseadas em fatos reais, sobre os quais há um trabalho criativo para tornar a história mais envolvente para o público.

Partindo dessa perspectiva, a seguir nos atemos a discorrer sobre outro viés, relativo à infância como espectadora das telas, ou seja, as produções que são direcionadas especificamente ‘para’ as crianças, com objetivos e intencionalidades voltadas à lógica do consumo, mas também de formação de subjetividades.

3 Produções audiovisuais ‘para’ crianças: projeções dos modos de ser e viver a infância

Nesta seção problematizamos como produções feitas para as crianças influenciam no modo de ser e de viver a infância, moldando comportamentos e ações, o que nos leva a uma reflexão acerca do ato de ver. Nas palavras de Marcello (2008, p. 344, grifos da autora), “[...] o ato de ver significa um ‘ganho’ e uma ‘perda’ [...]”, a depender dos símbolos implícitos ou mesmo explícitos que tal ato nos apresenta. Trata-se daquelas produções que abusam do imaginário por meio de personagens, às vezes já conhecidos do público infantil, por outras instaurando a novidade, que desembocarão na produção de um sem fim de artefatos a eles associados. Também se incluem aqueles canais com publicações de vídeos curtos, altamente

disseminados e assistidos nas plataformas digitais, cujos personagens principais geralmente são crianças.

Nesse sentido, somos convocados a olhar a infância que se pretende produzir por meio das representações imagéticas. Marcello (2008, p. 343) nos aponta que “A visão, no primeiro momento imediato, estaria relacionada ao ato de absorver o volume visível das coisas, e, portanto, de tê-las de algum modo”, dessa forma, modos de viver e ser seriam internalizados pelos sujeitos infantis. As imagens têm a capacidade e o intuito de nos atingir de alguma maneira, positiva ou negativa, e isso também ocorre nas produções voltadas ao público infantil, uma vez que extrapolam o limite do entretenimento.

Essas produções, na maioria das vezes, não proporcionam receptividade ao novo, mantendo-se submetidas às categorias do pensamento lógico as quais são identidade, causalidade e finalidade (MARCELLO, 2008). Nesse contexto, as múltiplas infâncias e suas subjetividades são desconsideradas, prevalecendo uma visão homogênea acerca dos sujeitos infantis. Ignoram-se seus modos de resistência, desconstrução e reconfiguração de paradigmas.

Em vista disso, a indústria cultural, a qual essas produções estão atreladas, converte o sujeito em objeto, uma vez que as formas de significar a infância nada mais são que políticas de subjetivação infantil. Costa (2009, p. 178) registra que esses processos visam moldar atividades e comportamentos dos sujeitos promovendo “[...] um tipo de governamentalidade que busca programá-los e controlá-los em suas formas de agir, de sentir, de pensar e de situar-se diante de si mesmos, da vida que levam e do mundo em que vivem, através de determinados processos e políticas de subjetivação”.

Nesse enredo, as cenas são pensadas para atrair ao máximo os olhares infantis, seja por meio personagens que chamam a atenção por suas atitudes e posicionamentos no enredo das produções, seja pelas músicas que fazem parte das trilhas sonoras, as quais na maioria das vezes são cantadas pelas personagens principais, ou até mesmo pelo jogo de cores e efeitos especiais presentes nos cenários nos quais as produções ocorrem. Nesse sentido, Leite (2012, p. 322) sublinha que “[...] os modos de pensar a infância e de lidar com a criança emergem em relações de poder [...]”, ou seja, de controle e manipulação sobre as maneiras de ser, ver e interpretar o mundo.

Nesse cenário, temos filmes como *Cinderela* e *Branca de Neve*, os quais trabalham com uma imagem de inferioridade das meninas, representadas como frágeis e dependentes da figura masculina, os ‘príncipes’, para defendê-las e levá-las a serem felizes. Ou ainda, filmes como os da *Barbie*, que trazem as meninas associadas à uma vida de glamour e ao consumismo. Produções como o filme *Ariel*, a pequena sereia, num primeiro momento nos levam a pensar que vão na contramão da maioria das animações, por apresentar uma figura de menina que se opõe à opressão, agindo com ares de rebeldia e empoderamento.

No entanto, Giroux (2001, p. 97) destaca que “[...] no final, desejo, escolha e cessão de poder, estão proximamente ligados a agarrar e amar um belo homem”. Nessa perspectiva, filmes como *Valente*, que evidenciam a afirmação feminina, explicitando a capacidade que as mulheres possuem de fazer suas próprias escolhas, fugindo do estereótipo de princesa submissa, são uma exceção.

E os meninos dentro desse contexto podem, por exemplo, chorar, gostar de cozinhar ou brincar com bonecas? De acordo com os filmes e desenhos animados de super-heróis, isso é pouco provável! Os meninos são representados como os valentões, os que batem e apanham. Outrossim, não podem demonstrar fraquezas como choro ou sentimento de incapacidade

diferentes realidades que marcam as vivências dos infantes são desconsideradas ou desqualificadas. Partindo desses apontamentos, na seção a seguir, para finalizar, reconhecemos a atuação das produções audiovisuais na construção da subjetividade infantil.

5 Considerações Finais: crianças nas telas e a construção da subjetividade infantil

As produções audiovisuais, como já mencionado anteriormente, exercem papel social relevante como fonte de representação e influenciadoras de comportamentos. Neste contexto, as imagens construídas em torno das crianças são múltiplas, em uma complexa rede de sentidos e significados que alcançam os sujeitos de diferentes formas e geram impactos diversos.

Devido a amplitude de projeções, mencionamos algumas endereçadas às crianças, as quais possuem notoriedade no âmbito do lazer e entretenimento. Classificadas e recomendadas de acordo com a faixa etária, precisam atender às disposições do parágrafo único, do Art. 76 do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (BRASIL, 1990), no qual se estabelece que “Nenhum espetáculo será apresentado ou anunciado sem aviso de sua classificação, antes de sua transmissão, apresentação ou exibição”. No entanto, cabe registrar que a regulação midiática no Brasil é pouco efetiva e que os impactos da mídia sobre as crianças ainda não são suficientemente discutidos. Desse modo, várias narrativas sugerem que todos somos responsáveis como sociedade quanto ao que as crianças estão assistindo.

Entretanto, em um cenário em que o alcance das mídias é cada vez mais presente no universo infantil, a capacidade dos adultos responsáveis por essas crianças de controlar os acessos e contatos das crianças a todos os estímulos torna-se inoperante, uma vez que acabam sendo expostas a uma vasta quantidade de produções projetadas nas telas. Essas, por sua vez, usam de todos os artifícios possíveis e imagináveis para convocar e prender a atenção das crianças.

As produções audiovisuais que acabam chegando às crianças tendem a naturalizar comportamentos que podem ser agressivos, violentos, indutores de consumo, dentre outros aspectos. As crianças imitam e incorporam comportamentos a partir das experiências que vivenciam, incluindo as telas, o que exige que olhemos para os produtos destinados ao público infantil como envoltos em relações de poder, com implicações na formação de quem somos. Em virtude das exposições das crianças a tais cenas, seja por meio de propagandas, imagens, *trailers*, ou até mesmo aos episódios completos, cerca-se os sujeitos infantis produzindo interesse, gerando adesão aos seus modos de se vestir, agir, replicando falas, gestos, ou seja, sua subjetividade.

Como reflexo desses contatos, tem sido recorrente em noticiários o alerta a pais e educadores sobre o impacto do excesso de exposição às telas no comportamento infantil. Cabe ressaltar que, no mundo moderno onde há a terceirização da educação dos filhos, seja por necessidade ou por opção, o campo de ação para outros agentes na formação da criança fica mais acessível. Os filmes, vídeos dos *youtubers* e desenhos animados falam cotidianamente com as crianças.

Logo, objetos e condutas que fazem parte dos vídeos induzem os pequenos a pensar que esses são elementos fundamentais e indispensáveis para ser criança hoje. Diante dessa perspectiva, torna-se cada vez mais urgente a adoção de ações no sentido de tentar minimizar os efeitos e prejuízos aos pequenos, decorrentes da comunicação com viés mercadológico. Precisamos olhar para esses produtos ligeiramente classificados como do campo do entretenimento, como fundamentalmente comprometidos com a construção de subjetividades na contemporaneidade.



MÁGICO, M. **Branca de neve e os sete anões/filme completo**. *YouTube*, 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_UFXw9IVln4. Acesso em: 07 dez. 2021.

MACK, F. **Cinderela: Dublado assistir completo dublado português2**. *YouTube*, s/d. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_UFXw9IVln4. Acesso em: 07 dez. 2021.

MARCELLO, F. de A. Real *versus* ficção: criança, imagem e regimes de credibilidade no cinema-documentário. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 03, p. 129-150, dez. 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3993/399360925007.pdf>. Acesso em: 12 out. 2021.

MARCELLO, F. de A. Cinema e educação: da criança que nos convoca à imagem que nos afronta. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 38, p.343-356, maio/ago. 2008. Disponível em: <http://old.scielo.br/pdf/rbedu/v13n38/11.pdf>. Acesso em: 12 out. 2021.

MATTARA, B. G. **Infância e construção normativa de gênero e sexualidade**: a construção do padrão normativo nos filmes de animação infantil. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) - Curso de Graduação em Pedagogia - Universidade Estadual de São Carlos, SP, 2009.

REFLITA. **O que podemos aprender com o filme Pequena Miss Sunshine**. *YouTube*, jun. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3pSoFKFli2Y>. Acesso em: 03 mar. 2022.

S2, T. **A importância do respeito mútuo e da empatia**. *YouTube*, s/d. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rMpB7sFMv6Y>. Acesso em: 03 mar. 2022.

SANTOS, A. M. dos; GROSSI, P. K. Infância comprada: hábitos de consumo na sociedade contemporânea. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 443-454, jul./dez. 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3215/321527161015.pdf>. Acesso em: 13 out. 2021.

SILVA, R. P. **Cinema e educação**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, A. A. FINCO, D. Cinema, transgressão e gênero: as infâncias de Baktay e Wadjda. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 33, n. 3, p. 933-959, set./dez. 2015. Disponível em: www.perspectiva.ufsc.br. Acesso em: 12 out. 2021.

URSO, M. e o. **Masha e o Urso: Primavera para o Urso (Episódio 7)**. *YouTube*, s/d. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=SrR79j-c_rY. Acesso em: 03 mar. 2022.

WALTER, F. O. O lugar do pedagógico nos filmes feitos para crianças. **Pro-Posições**, Campinas, n. 26, v. 3, p. 185-204, set./dez. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-7307201507809>. Acesso em: 12 out. 2021.

XAVIER, I. Um cinema que “educa” é um cinema que (nos) faz pensar. Entrevista com Ismail Xavier. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 13-20, jan./jun. 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3172/317227051003.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2021.

